

As milenares origens do **preconceito de gênero**

The ancient origins of **gender prejudice/bias**

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO * [trigo@usp.br]

Resumo | O preconceito de gênero não é atual nem conjuntural, mas sim uma prática estrutural consagrada durante séculos, pelo que é necessária uma análise histórica acerca do mesmo, de modo a que não se confundam as causas com os efeitos. O artigo apresenta uma perspectiva histórica que permite entender e explicitar as vertentes estruturais dos preconceitos contra as mulheres, desde a sua origem. Assim, as raízes destes preconceitos são apresentadas e analisadas em termos mitológicos, simbólicos, religiosos e filosóficos. A área do Turismo deve ficar atenta aos obscurantismos primitivos, para que não se acentuem as vulnerabilidades que o preconceito possa trazer às minorias étnicas e sexuais, às mulheres e às crianças.

Palavras-chave | gênero, preconceito, mulher, perspectiva histórica.

Abstract | The gender bias is not current or cyclical but a structural practice enshrined for centuries, so it is necessary a historical analysis about it, so that does not confuse its causes with its effects. The article presents a historical perspective that allows us to understand and explain the structural aspects of the prejudices against women, since its origin. Thus, the roots of these prejudices are presented and analysed in terms mythological, symbolic, religious and philosophical. The Tourism area should be attentive to primitive obscurantism, not to emphasize the vulnerabilities that prejudice can bring to ethnic and sexual minorities, women and children.

Keywords | gender, prejudice, woman, historical perspective.

* **Doutor em Educação** pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). **Livre Docente em Lazer e Turismo** pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e **Professor Titular** da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

1. Introdução

Uma análise sobre a situação da mulher na sociedade atual e no mundo do trabalho exige aprofundamento nas razões históricas que causaram, na maior parte do planeta, uma realidade caracterizada por uma grande assimetria entre os dois sexos que compõe a raça humana. Sem essa perspetiva temporal, o preconceito que envolve as mulheres corre o risco de sofrer distorções ao confundir suas causas com seus efeitos. O preconceito contra as mulheres não é atual, nem conjuntural, mas sim histórico e estrutural. Não se trata apenas de elucidar os entraves que atrapalham sua plena inserção no mundo do trabalho, mas ver suas influências e mazelas no contexto social, cultural e político como um todo. Há outros preconceitos nas sociedades humanas como por etnia, cultura, opção sexual, idade, ou religião, mas aqui será tratada especificamente a questão do preconceito em relação às mulheres. No caso de género, medidas contra o preconceito serão mais eficazes se houver a compreensão da sociedade de que a exclusão feminina não é um fenómeno regional ou atual, mas uma prática consagrada durante séculos, fundamentada apenas em crenças ou opiniões que nada tem de científico ou razoável, mas sim escoradas na opressão e no desejo de controle de um género por outro, ou seja, das mulheres pelos homens. Entender e explicitar as vertentes dessa opressão é conscientizar homens e mulheres hodiernos a combater e renegar uma tradição perversa que continua a fazer vítimas e oprimidas entre muitas populações desse mundo pretensamente globalizado. Para isso é preciso ir às origens mitológicas, religiosas e filosóficas do patriarcalismo, especialmente nas civilizações ocidentais.

“Disse que lera nos livros serem as mulheres diabos disfarçados, circes encantadoras, tentações infernais, peçonhentas no coração e na boca, copuladoras vorazes. ... Elas traziam dentro do corpo vermes que devorava os homens; algumas possuíam uma boca entre as pernas, com dentes e tudo; elas

desgraçavam, arruinavam, sufocavam, escravizavam com feitiços, eram más e interesseiras, por elas se faziam as guerras. Falavam apenas tolices cansativas, só se preocupavam com brincos, vestidos e os atavios da sedução. Traíam e levavam a alma do homem ao inferno. Mas nada havia de tão doce quanto essa tirania.” (Miranda, 2006, p. 76).

O trecho acima reproduzido é uma síntese da ausência de dignidade, liberdade e acesso ao conhecimento proporcionado não apenas às mulheres, mas, por extensão, também aos homens historicamente desprovidos de direitos como os escravos, estrangeiros, grupos étnicos, minorias sexuais, idosos ou portadores de determinadas moléstias físicas ou psíquicas. O universo da exclusão é vasto, cruel e calcado na ignorância e na opressão.

Na cultura ocidental, mas não só, tentou-se justificar a discriminação da mulher durante séculos com mitos de legitimação que tiveram persistência por milênios. Os dois principais podem ser enunciados como: a) a mulher é perigosa; b) a mulher é mentalmente inferior.

É evidente que isso é um absurdo, uma injustiça, mas essa percepção persiste, não apenas no senso comum ou entre as classes mais pobres ou ignorantes, mas entre pessoas educadas e detentoras de poder real, sejam homens ou mulheres.

No que se refere a uma proposta inicial e objetiva, o que as mulheres, assim como todos os seres humanos, precisam?

Podem-se resumir as necessidades das pessoas a princípios fundamentais como liberdade e conhecimento, justamente o que é sistematicamente negado aos que são oprimidos e excluídos, ou que, em um outro aspecto social, sofrem algum tipo de restrição ou descaso. Um não existe sem o outro, pois ambos se articulam indissolúvel e dialeticamente. Sem liberdade não se pode acessar o conhecimento e sem este não se consegue – ou não se concebe – a ventura de ser livre em um mundo pleno de desafios, dúvidas e necessidade de discernimento e escolha perante várias possibilidades.

2. As origens milenares do preconceito de gênero

2.1. Em termos simbólicos e mitológicos

Ao se analisar os termos *Masculino-Feminino* no universo simbólico, é preciso considerar que essas palavras não se restringem ao plano biológico-sexual. Em um plano mais amplo, a antiga mitologia entende a alma como uma combinação dos princípios masculino e feminino. O masculino emite a força da vida e esse princípio de vida está sujeito à morte. A fêmea é portadora da vida, ela anima. Eva, saída da costela de Adão, significa que o elemento espiritual está além do elemento vital. Adão precede Eva, o vital é anterior ao espiritual. Um tema análogo está no mito de Atena, saindo da cabeça de Zeus.

No nível místico, o espírito é considerado masculino e a alma, que anima a carne, é considerada feminina. É a conhecida dualidade do *animus* e da *anima*, bastante analisada na obra de Carl Jung ou expressa nos princípios do Tão.

Mas a sexualidade também foi submetida à transfiguração simbólica, seja pelo seu mistério, seja pelo seu poder de dar vida. Esse poder vital foi sendo conscientizado ao longo da pré-história humana, ou seja, inicialmente não se conectava o ato sexual com a gravidez das mulheres. "O caráter misterioso, estremeceador da sexualidade procede, possivelmente, da sua relação com a fertilidade, com as forças ocultas da vida e da morte. Segundo Mircea Eliade, a aparição da agricultura significou uma mudança religiosa e mitológica da humanidade. A fertilidade da terra e a fertilidade da mulher foram associadas e, em consequência, as mulheres tornaram-se responsáveis pela abundância das colheitas." (Marina, 2008, p. 66).

Para as culturas arcaicas a mulher era algo estranho, misterioso. A Mãe Terra, Gaia, é uma imensidão que à noite Urano, o céu, a cobre para fecundar seu seio e gerar novas vidas. Quando os seres humanos coletores e caçadores tornaram-se sedentários e dominaram a agricultura, a vida social pode se estabilizar mas as marcas culturais foram muito

profundas e duradouras. "Se o osso e o sangue representavam até então a essência e a sacralidade da vida, doravante são o esperma e o sangue que as encarnam. Como as mulheres desempenharam um papel decisivo na domesticação das plantas, tornam-se proprietárias dos campos cultivados, ... responsáveis pela abundância nas colheitas, pois são elas que conhecem o 'mistério' da criação. Um simbolismo complexo, de estrutura antropocósmica, associa a mulher e a sexualidade aos ritmos lunares, à Terra (assimilada ao útero) e àquilo a que devemos chamar o 'mistério' da vegetação." (Eliade, p. 43).

Nessa nova configuração mítico-simbólica, as conseqüências para as mulheres foram avassaladoras. Rudolf Otto chamou essa mescla de temor, reverência e fascinação pela natureza de "percepção do numinoso". Nesse contexto "o homem fica angustiado diante de poderes tremendos que precisa exorcizar. O sagrado manifesta-se como uma realidade contraditória, que atrai e repele. A sexualidade feminina entra nesse círculo do numinoso. A vida sexual está cheia de potência: a fêmea distingue-se do macho por propriedades misteriosas. Tudo o que se refere ao sexual fica destacado, e muitas vezes as mulheres são excluídas do culto porque seu poder ofereceria resistência ao poder que se deseja alcançar no culto." (Marina, 2008, p. 66-67). O homem passa a se identificar com a cultura; a mulher, com a natureza, especialmente por sua relação com o nascimento e a morte, dois fenômenos assustadores. Estão lançadas as bases mitológicas para a segregação da mulher.

Essa é uma vertente cultural. Há as diferenças mais básicas que são as fisiológicas.

"Quanto a diferenças das faculdades mentais entre homem e mulher, é provável que a seleção sexual tenha desempenhado um papel muito importante. A mulher parece diferir do homem principalmente em sua maior ternura e melhor empatia. O homem é rival de outros homens; ele gosta de competição e isso leva a ambição que passa com muita facilidade para egoísmo. Estas últimas qualidades parecem ser seu natural e desafortunado direito de nascença. Admite-se de modo geral que,

no caso da mulher, a capacidade de intuição, do foco nos relacionamentos, da percepção e julgamento impulsivos e talvez de imitação é mais fortemente destacada do que no homem.

A principal distinção nas faculdades intelectuais de ambos os sexos é mostrada pelo fato de o homem alcançar maior eminência, em qualquer coisa que empreenda, do que a mulher pode alcançar – seja algo que requeira reflexão profunda, raciocínio ou imaginação criativa, ou meramente o uso dos sentidos (música) e das mãos (pintura, escultura).

Os progenitores masculinos semi-humanos do homem, e os homens em um estado selvagem, lutaram entre si durante muitas gerações pela posse das fêmeas.

Mas a mera força corporal e o tamanho não contribuiriam muito para a vitória, a menos que estivessem associados a coragem, perseverança, capacidade de liderança, energia, observação, raciocínio estratégico, capacidade de entender sistemas complexos, inventividade, etc porque eles tinham que defender suas fêmeas, bem como seus filhos pequenos, de inimigos de todos os tipos, e caçar coletivamente para sua subsistência conjunta. O grande foco e especialização das mulheres foi e continua sendo o relacionamento.” Nelson Prado Rocchi, adaptando Darwin.

2.1.1. Lilith, a mulher fatal

“Existem raparigas que, diante de certos viajantes enfeitados, revelam sua verdadeira natureza, que não é humana, mas ‘nínfica’ (isto é, demoníaca), e a essas dadas criaturas proponho designar como nymphets.” (Nabokov, 1981, p. 21).

Petrarca (1304-1374) foi um dos primeiros humanistas, amava Laura, mas escreveu linhas amargas: “A mulher é um verdadeiro diabo, um inimigo da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputa da qual o homem deve manter-se afastado se quiser aproveitar a tranqüilidade.” (Marina, 2008, p. 164). É a velha idéia de que a mulher atrai os

homens com suas artimanhas e dissimulações, o mito da “mulher fatal”, palavra que vem de *fatum*, destino, uma força poderosa que anula a liberdade. As mulheres teriam um poder emocional imenso, seriam bruxas ou adivinhas (vide o manual *Malleus Maleficarum*, discutido a seguir).

O mito nos relata que a primeira mulher de Adão não foi Eva, mas sim Lilith. Não veio de um pedaço do homem, da costela de Adão, mas do mesmo pó, cheia de sangue e saliva (menstruação e desejo) e assim reivindicou sua igualdade ao homem, não se admitindo inferior e submissa, se negando a ficar sob o homem, inclusive durante o ato sexual. Foi reprimida e condenada a viver nos desertos, segundo o livro de Isaías 34, 13-15: “Nas suas fortalezas crescerão espinhos, nas suas fortificações, urtigas e cardos. Ali será o covil dos chacais, o ninho das avestruzes. Os gatos selvagens encontrarão ali as hienas, os sátiros ali gritarão um para o outro. E ali também se instalará Lilith: lá ela encontrará o repouso. É ali que a serpente fará seu ninho, porá e chocará seus ovos e fará sair os filhotes sob sua proteção.” Lilith é a sombra de Eva, o lado escuro da Lua, origem dos vampiros e íncubos que sugam os fluídos vitais dos homens.

Lilith, Lulu e Lolita são nomes de uma mesma fêmea fatal que aparece no teatro, no cinema e na literatura. Cumulando com seus dons o homem que se deixa levar por suas promessas, ela o atrai a uma busca que o isola dos outros e o arrasta por um caminho contrário à vida. O mito de Lilith tem a função de afastar os homens, alertando-os do perigo que uma mulher sem controle representa para eles. “Sua função principal, contudo, é alertar as mulheres: aquela que não segue a lei de Adão será rejeitada, eternamente insatisfeita e fonte de infelicidade.” (Brunel, 1998, p. 585).

2.2.As origens religiosas do preconceito

A religião é uma força poderosa no imaginário e, no caso das religiões monoteístas (judaísmo, cris-

tianismo e islamismo), existem influências vigorosas no que se refere aos campos da moral e da ética que se estendem aos vários comportamentos humanos com ênfase na sexualidade. Sendo religiões patriarcais, originadas em tribos dos desertos e em vilarejos dominados por conflitos sistemáticos, essas religiões privilegiaram a figura masculina, seja em seus santos, profetas e sacerdotes, seja na própria imagem da divindade que é evidentemente masculina, ou seja, O Deus possui um artigo definido masculino que o identifica, além de outros títulos como “Senhor”, “pastor”, “cordeiro”, todos relacionados ao macho.

A insensibilidade para com a mulher não é exclusiva das religiões cristãs. O hinduísmo acredita que a viúva não pode ter vida independente do marido. A mulher que sobreviver ao seu homem, deve morrer na pira funerária com ele. O Islã é outra religião que mantém uma atitude discriminatória para com a mulher, apesar de o Corão ter melhorado a situação da mulher, garantindo certas liberdades antes inexistentes. “Para Fátima Mernissi, socióloga marroquina, o problema da mulher não está nem na religião e nem no Islã, mas na distorção dos textos sagrados empreendida pelos homens para legitimar a ausência dos direitos da mulher e legitimar sua situação de opressão.” (Marina, 2008, p. 77).

Nas sociedades primitivas há uma distinção estrutural básica entre “puro” e “impuro” e essas noções entraram no domínio da sexualidade, provocando fortíssimos tabus que influenciaram séculos de cultura e civilização e sobrevivem até hoje. Tabus em relação à menstruação, ao sêmen e à passividade sexual são amplamente conhecidos e ao mesmo tempo, obscuros e temidos. Desde as restrições citadas no Antigo Testamento, em Levítico 12, 2-7, a menstruação é uma fonte de erros, enganos, engodos e preconceitos que se espalham pela agricultura, culinária, regras sociais e etiqueta em geral. Por que, na maioria das religiões, a mulher não pode ser sagrada sacerdotisa, como acontece com os homens? Porque ela menstrua. Tomás de Aquino diz que a mulher não pode ser sacerdote porque

“vive em estado de infecção” e, portanto, não tem a dignidade necessária. Esse dogmatismo nefasto é proveniente da vertente judaico-cristã e persiste no islamismo.

A questão da impureza está, portanto, relacionada à religião e à mulher. O homem pode se tornar impuro, mas geralmente quando realiza atos sexuais ou contrai doenças venéreas. Mas, numa sociedade patriarcal, o homem pode fazer sexo exclusivamente com uma mulher, de onde, também exclusivamente, pode vir sua impureza. Esses absurdos levariam, então, à proposição teológica de que Deus criou o homem puro e a mulher impura? Ou que foi de sua iniciativa aceitar o fruto da tentação no Jardim do Éden e convencer seu homem a também comê-lo, levando assim a degradação para a humanidade?

No manual *Malleus Maleficarum* (1486), escrito por dois dominicanos para identificar feiticeiras e sortilégios, está escrito que “a experiência ensina que a perfídia da bruxaria encontra-se mais frequentemente entre as mulheres do que entre os homens.” (Marina, 2008, p. 165). Por outro lado, as pesquisas psicológicas atuais mostram que há mais psicopatas entre homens do que entre mulheres e esse é um dado científico e não baseado em crenças ou preconceitos.

Há um outro fato nefasto na história da opressão às mulheres. Em 1330, o franciscano espanhol Álvaro Pelayo, Grande Penitenciário da Corte de Avignon, redigiu uma petição para o Papa João XXII, que tomou a forma do tratado *De planctu Ecclesiae* (O pranto da Igreja), onde expõe ‘as centenas de vícios e delitos da mulher’.

Porém, a repressão sexual dos religiosos atinge não apenas as mulheres mas também os homens, inclusive, de maneira mais perversa aqueles(as) que não se submetem às convenções sexuais vigentes. “A teologia moral cristã uniu o espiritualismo platônico – exacerbado pela gnose – ao rigor estóico, e, assim armada, arremeteu furiosamente contra o prazer sexual. Deve-se levar em conta que Jesus de Nazaré não disse nada a respeito e que, no seu tem-

po, foi mais acusado de hedonista do que venerado como asceta.” (Marina, 2008, p. 133). Certamente as mulheres pagaram a conta mais alta dessa luta entre desejo e opressão. A sexualidade sempre esteve ligada ao poder e quase todas as culturas tiveram uma origem patriarcal. A mulher sempre foi um tipo de mercadoria, mesmo em Roma antiga onde a família era um valor incentivado pelo Estado. Mas a família era o conjunto de posses do *pater familiae* como mulher, filhos, escravos, gado, objetos, terras e outras propriedades físicas ou simbólicas, mas ele não participava dessa família, era o seu dono.

A figura da mulher no cristianismo possui um aspecto curioso. Para contrabalançar a trindade, geralmente representada pelo Deus Pai barbudo; o filho, Jesus Cristo; e o Espírito Santo, uma pomba, provavelmente macho; há a figura da Mãe de Deus, Maria, que é virgem, não conheceu homem e foi tocada pelo Espírito para dar à luz ao redentor dos seres humanos. O predomínio das religiões semíticas sobre a Europa, em contraposição às religiões dos celtas ou germânicas, significou uma substituição das antigas deusas pelo Deus único e verdadeiro do monoteísmo cristão. No romance *As brumas de Avalon* (1979), de Marion Zimmer Bradley, a história se passa durante a vida do Rei Arthur e seus cavaleiros e conta a lenda arturiana a partir da perspectiva das personagens femininas, como Guinevere, Morgana e Morgause. No final, fica claro que as antigas deusas foram substituídas pela figura casta e pura de Maria, mãe do Deus único patriarcal e de sua hierarquia terrena eminentemente masculina.

No caso da América Latina e outras regiões do mundo que sofreram os efeitos do colonialismo ou do imperialismo, foram criados modelos de exploração econômica, como as *Plantations*, nas Américas, com a cruel receita que gerou o brutal machismo latino-americano: latifúndio de monocultura para exportação, em regime escravocrata e patriarcal, centralizado no proprietário das terras, dos meios de produção, das mulheres, dos escravos e, frequentemente, acima das instâncias religiosas ou estatais locais. Nesse caso o modelo econômico e político,

aliado a uma religião cristã dominante, gerou uma estrutura secular que até hoje influencia, em maior ou menos escala, as sociedades atuais.

A teologia contemporânea e mais liberal, judaica ou cristã, possui uma visão completamente diferente da mulher, relacionando-a de igual para com o homem, assim como todos os seres humanos que no passado sofreram – ou ainda sofrem, apesar dos avanços da civilização – discriminação. Antigos escravos, homossexuais, etnias minoritárias, os pobres da Terra, as mulheres, os estrangeiros, os idosos, vários segmentos são excluídos ou segregados em suas respectivas culturas ou quando migram para culturas diferentes. Vários teólogos contemporâneos preocupam-se com essa temática e propõe alternativas ao patriarcalismo histórico. Por exemplo, a freira católica brasileira, Ivone Gebara, é reconhecida internacionalmente por suas posições avançadas e liberais sobre a posição da mulher – e do homem – nas novas sociedades e isso vale, evidentemente, tanto para a sociedade em geral como para o mundo do trabalho.

“Muitos são os grupos de mulheres que buscam resgatar a auto-estima feminina em vista de um empoderamento social e político que poderá criar relações mais justas em todos os níveis da vida humana. Este processo tem convidado também diferentes grupos de homens a pensarem de novo sua identidade. E isto porque as relações humanas são marcadas por uma reciprocidade de relações e uma interdependência nos comportamentos. A revolução antropológica provocada pelas mulheres não pode ser ignorada pelos homens. Não nascemos para viver em guetos separados, ou em ilhas isoladas, mas para construir a partir de nossas semelhanças e diferenças o mundo que queremos. Por essa razão muitos homens têm não só refletido a questão de gênero como fazendo parte de sua vida quotidiana mas têm procurado em grupos repensar sua nova identidade pessoal e social. Nessa linha, mulheres e homens fazem parte da construção de um novo mundo, um novo mundo de justiça possível. Trata-se portanto de criar relações mais democráticas e igualitárias,

relações que devem estar presentes como fermento em todas as nossas atividades”¹

2.3. As origens filosóficas do preconceito

O filósofo italiano Franco Volpi (1952-2009), faz algumas considerações sobre a questão da mulher na introdução do livro *A arte de lidar com as mulheres*, de Arthur Schopenhauer (1788-1860), um texto ácido e contundente, onde ele afirma que as “mulheres são o sexo que sob qualquer ponto de vista é o inferior, o segundo sexo, e em relação a cuja fraqueza deve-se ter consideração. Contudo, demonstrar-lhes veneração é extremamente ridículo e nos diminui aos olhos delas.” (Schopenhauer, 2011, p. 4).

Volpi reconhece que a história da filosofia, portanto do pensamento ocidental, passa a impressão de ser tipicamente masculino. Um exame mais detalhado mostra que já na Antiguidade, existiram pensadoras mulheres. No primeiro século a. C., o estoíco Apolônio escreveu uma história da filosofia feminina, e Filicoro escreveu um texto sobre as filósofas pitagóricas, que eram um grupo numeroso. Um destaque, mais recente, é o escritor e erudito Gilles Ménage, que catalogou uma *Historia mulierum philosopharum* (1690, com o título em espanhol *Historia de las mujeres filosofas*, ed. Herder), ainda hoje um texto agradável e relevante.

Porém, apesar desses exemplos, a filosofia excluiu as mulheres de um papel ativo no pensamento ocidental. Um fato histórico que corrobora essa postura é que nenhum dos pré-socráticos, os filósofos mais antigos, eram casados. O primeiro a se casar foi Sócrates, que teve uma vida conjugal com Xantipa nada edificante. Platão tampouco se casou e teve uma posição dúbia em relação às mulheres. Na *República*, reivindicou o direito de igualdade para as mulheres, mas no *Timeu*, quando expôs a doutrina da metempsychose, a mais antiga consideração oci-

dental sobre a reencarnação, afirmou que as almas são originalmente *masculinas*. As que tiverem uma vida indigna reencarnariam em um corpo *feminino* e as que, mesmo assim, continuassem e se comportar mal, voltariam como *animais*. Dessa forma ele situou a mulher como um ser inferior, a meio caminho entre o homem e os animais.

Outro seguidor de Sócrates, Antístenes, o Cínico, afirmava que o amor é uma imperfeição da natureza e que acabaria com Afrodite, se pudesse. Diógenes de Sinope, seu discípulo, aconselhava a prática do autoerotismo como um meio de se livrar das mulheres. Não é gratuita, portanto, a valorização da pederastia como uma prática grega bastante comum. Vulgarmente, entre alguns grupos, reconhecia-se que o homem era o maior bem a se amar e que a mulher servia apenas para procriar.

O primeiro filósofo a ter um casamento normal foi Aristóteles, que soube conciliar as vidas contemplativa e conjugal de maneira tranquila. Casou-se com Pítias, com quem teve uma filha e depois de viúvo casou-se com Herpilis, com quem teve um filho, Nicômaco, destinatário honroso de um de seus textos famosos, *Ética a Nicômaco*. Mas, qual o nome da filha de Aristóteles? Volpi não o declara. Mesmo assim há uma história apócrifa envolvendo Filis, uma bela cortesã, criticada por Aristóteles por distrair seu pupilo, Alexandre, filho do rei Filipe, da Macedônia, de seus afazeres. Por vingança ela ridiculariza o filósofo perante toda a corte que depois abandona a região e se isola em uma ilha.

Ao longo dos séculos as relações entre filósofos e as mulheres não evoluíram. Kant, esteio do Iluminismo, que defendeu o intelecto como defesa contra o preconceito e a autoridade, também teve momentos dúbios com o sexo feminino. De um lado emancipou-a da sujeição aos homens e reconheceu seu direito de ter amantes; por outro lado, negou-lhe o direito de voto e proferiu afirmações como “as qualidades da mulher se chamam fraquezas”, “com o matrimônio a mulher se torna livre, e o homem perde sua liberdade”. Kant, assim como Schopenhauer e Nietzsche, nunca se casou.

¹ Fonte: <http://latinoamericana.org/2004/textos/portugues/Gebara.htm>.

No século XIX o psicólogo Carl Moebius publicou o livro *A inferioridade intelectual da mulher*, onde reproduziu esses preconceitos e incorreções, aprofundando a sensação de hostilidade contra o sexo feminino, inclusive por parte de uma intelectualidade contaminada por racismo. Esse livro faz parte de um nefasto conceito pseudo-científico composto por textos similares como *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855), de Joseph Gobineau ou *O homem delinquente* (1876), de Cesare Lombroso. Muitas opiniões contemporâneas, comentários ligados ao senso comum, tem sua origem nesses textos plenos de erros conceituais e falta de método científico. Ainda causam males sociais devido à ignorância ou má-fé dos defensores dessa mentalidade obtusa e tacanha.

As relações entre filósofos e mulheres foram plenas de incidentes graves e confusão: Abelardo e Heloísa, Nietzsche com Lou, Weber com Else, Scheller e suas muitas amantes, Heidegger com Hanna, Wittgenstein com Marguerite. Entretanto, houve poucos casos plenos de idílio e felicidade: Schelling e Caroline, Comte e Clotilde, Simmel com Gertrude, Bataille e Laure. Há que se considerar o relacionamento, um tipo de “casamento aberto”, entre Sartre e Simone de Beauvoir, a autora do *Segundo Sexo*, uma das bases do feminismo contemporâneo. Porém, decididamente, não foi um casamento ou um romance burguês, como é possível perceber no romance biográfico *Os mandarins*.

Apenas na filosofia contemporânea as mulheres despontam como pensadoras capazes de traçar rumos e novas fronteiras para o pensamento: Rosa Luxemburg (1871-1919), Emma Goldman (1869-1940), María Montessori (1870-1952), Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), Edith Stein (1891-1942), Simone de Beauvoir (1908-1986), Simone Weil (1909-1943), Hannah Arendt (1906-1975), Ayn Rand (1905-1982), María Zambrano (1904-1991), Elizabeth Anscombe (1919-2001), Sylviane Agacinski (1945), Chantal Delsol (1947), Sarah Kofman (1934–1994), Judith Butler (1956).

3. Na história

Nunca existiu um paraíso sexual. No imaginário ocidental, a Polinésia é a imagem mais próxima de uma liberdade sexual mais ampla e generosa. O mito surgiu em 1768, por ocasião da expedição de Bougainville ao Taiti. Os marinheiros contaram que as moças das aldeias se ofereciam graciosamente aos marinheiros. Cerca de um século e meio depois, a antropóloga Margaret Mead, pesquisou a vida sexual das mulheres do Taiti e escreveu um livro que se tornou famoso: *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*. Mas a pesquisa fora contaminada por um viés metodológico, pois as respostas dadas não foram as verdadeiras, mas sim um tipo de brincadeira com a estrangeira curiosa por seus costumes. O antropólogo Derek Freeman desmistificou o trabalho de Mead, na década de 1980. “Mead equivocou-se em sua interpretação porque se deixou arrastar pelo ‘mito ocidental da sexualidade polinésia’, cuja gestação foi investigada por Serge Tcherkézoff. A conduta das moças que alegraram a vida da expedição de Bougainville não era libertina. ‘Essas jovens agiam sob as ordens dos adultos, chefes e sacerdotes. Sua finalidade era agradar os enviados celestes do grande Deus criador e, também, apropriar-se de seus poderes, conseguindo que fecundassem as moças.” (Marina, 2008, p. 12).

A maioria das sociedades estruturou-se social e economicamente, política e culturalmente de forma machista e patriarcal, tornando-se objetos de consumo e procriação, uma mercadoria mais valiosa e sofisticada, mas ainda assim mercadoria.

De forma breve, as conquistas das mulheres no ocidente concentram-se apenas a partir do século XX, graças a Sigmund Freud (1856-1939) e seu pioneirismo sobre a sexualidade humana e à Segunda Guerra Mundial, que sepultou muitos dos tabus e opressões da antiga Europa. O romance *O pássaro pintado*, de Jerzy Kosinski, é uma ótima alegoria dessa época tão crucial para a humanidade, nos últimos séculos. As novas tecnologias, o fim do imperialismo europeu sobre várias áreas da África e Ásia,

a expansão do socialismo e sua posterior implosão, novos hábitos culturais e sociais, a valorização da liberdades civis e da pluralidade nas sociedades democráticas, tudo isso contribuiu para uma mudança na imagem que a sociedade fazia da mulher e da imagem que a própria fazia de si mesmo.

Em 1896, em carta a Wilhelm Fliess, pela primeira vez Freud fez menção às zonas erógenas e as suas relações com as perversões. Com a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud “desencadeia o desenvolvimento de uma nova e poderosa corrente de pensamento sobre a experiência humana, tendo como base as reflexões sobre a sexualidade.” (Simões, 2011, p. 39). A mulher passa a ter corpo e excitação sexual e entende o direito inalienável que possui sobre seu prazer.

Em 1948, aparece o primeiro relatório sobre o comportamento sexual das pessoas, o conhecido Relatório Kinsey, um marco nos estudos sobre sexualidade. Foi um escândalo nos Estados Unidos. Alfred Kinsey (1894-1956) foi perseguido, acusado de ameaçar a moral familiar e de ser subversivo. Tudo isso por falar abertamente de homossexualidade, traição, masturbação, prostituição e perversão, seja no mundo masculino ou feminino.

Um outro passo importante no movimento de “libertação da mulher” foi a pílula anticoncepcional, desenvolvida em 1956 pelo biólogo norte-americano Gregory Pincus. A pílula permitiu dissociar reprodução e sexo, permitindo à mulher alguns direitos, além dos tradicionais deveres.

Betty Naomi Goldstein, conhecida por Betty Friedan (1921-2006), publicou em 1963, no Estados Unidos, *The feminine Mystique*, um *best seller* que suscitou a onda feminista na América e em vários países ocidentais. Em 1980, lançou *O segundo estágio*, seu segundo livro, onde defendeu a colaboração entre homens e mulheres no trabalho, sendo criticada por feministas mais radicais.

Em 1966, dois pesquisadores americanos, William H. Masters e Virginia E. Johnson, montaram um laboratório para pesquisar cientificamente as alterações biológicas durante o ato sexual. “Eles

tinham o apoio de voluntários que se dispunham a ter atividade sexual no laboratório, monitorado por aparelhos criados para detectar, por exemplo, as alterações de cor e de calor na vagina durante a estimulação. Os pesquisadores chegaram a um padrão de resposta sexual para homens e mulheres e o nomearam de Ciclo da Resposta Sexual Humana, com três fases: desejo, excitação e orgasmo.” (Simões, 2011, p. 44).

Os mesmo autores publicaram, em 1979, o estudo “Homossexualidade em perspectiva”. Em 1974, a Associação Psiquiátrica Americana deixou de rotular a homossexualidade como doença.

Em 1967, foi realizada a primeira experiência de inseminação artificial, dando à mulher a possibilidade de fazer sua escolha em termos de gestação.

A convergência dos movimentos feminista, gay, negro e jovem na década de 1970, no ocidente, representou uma série de avanços nas liberdades individuais e nas políticas públicas sociais e culturais.

4. O desejo expresso em palavras

A literatura apresenta clássicas representações juvenis, de garotos ou garotas. Dois exemplos adolescentes, entre tantos possíveis, tornaram-se paradigmáticos. O primeiro remete à beleza juvenil feminina, representado por *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov. O livro foi transformado em filme pela primeira vez, em 1962 (dirigido por Stanley Kubrick) e pela segunda vez, em 1997 (dirigido por Adrian Lyne). O segundo exemplo remete à beleza masculina representada pelo jovem Tazio, personagem de Thomas Mann, em *Morte em Veneza* (1912). Ambos os personagens enaltecem a beleza adolescente, a flor desabrochando, o delicado momento em que a vida explode em sua plenitude cronológica e animal.

A explicitação do erotismo e da pornografia adolescente na literatura ocidental é antiga. Um dos textos clássicos é *Satyricon*, de Petronio (transforma-

do em filme por Fellini, em 1969, com teor homoerótico), datado do ano 50 d.C. No mundo moderno, um dos textos de erotismo é *Teresa filósofa*, do século XVIII, atribuído a Jean Baptiste de Boyer, o Marquês d'Argens, publicado na França. É um romance de formação de uma garota que sofre abusos sexuais de seu preceptor. Outro texto importante repleto de humor e cinismo, intitula-se *Manual de civilidade destinado às meninas para uso nas escolas*, do francês Pierre Louys.

O erotismo foi historicamente reprimido pelas três religiões monoteístas ocidentais, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, e pela sociedade burguesa. Até mesmo o socialismo pendeu para a repressão moral, como na antiga União Soviética, sob Stalin. O mesmo acontece no regime socialista chinês atual. O sexo sempre esteve presente na história da humanidade, mas foi preciso que Freud, outros estudiosos da psicanálise e as feministas constatassem o poder dessa temática no ocidente. O movimento da contracultura, marcado pela geração *beat* da década de 1950 e dos *hippies*, nas décadas de 1960/1970, foi importante para abrir debates e novas possibilidades sobre a sexualidade, influenciando fortemente os movimentos feminista, gay e refletindo criticamente sobre as formas convencionais de relacionamento heterossexual.

Entre os milhares de textos mais recentes, há autores que avançaram nas pesquisas sobre sexualidade como Freud, Wilhelm Reich e Michel Foucault. Um livro contemporâneo instigante é o de Roger Schattuck, *Conhecimento proibido*. O subtítulo é significativo: *De Prometeu à pornografia*, sendo todo o sétimo capítulo dedicado ao Marquês de Sade e às práticas sexuais sado-masoquistas, temática pouco contemplada no cinema e na literatura.

A busca do prazer sexual em lugares distantes de casa não é recente. É conhecido o lema português do século 16 (e da música de Chico Buarque) que afirmava “não haver pecado ao sul do equador”. A possibilidade de ir para outra região ou país e poder fazer algo proibido em seu lugar de origem sempre atraiu defensores e admiradores, especialmente

rumo aos países cálidos e pobres das Américas, da África ou da Ásia.

A literatura de viagens está repleta de destinos sensuais e paradisíacos onde os colonizadores, sem medo, vergonha ou culpa, podem degustar das delícias locais, inclusive das (dos) nativas (os). André Gide e Paul Bowles foram à África; os naturalistas vieram ao Brasil registrar suas belezas; hordas de turistas vão à Tailândia, Caribe e Brasil fazer turismo sexual.

A lógica é a mesma: paraísos sexuais são países pobres onde os turistas aproveitam a estética local por preços módicos. As jovens populações são como canteiros de flores frescas e viçosas, colhidas por poucos euros ou dólares. São flores inigualáveis em suas terras, seja pela beleza selvagem que possuem ou pela facilidade com que são transformadas em ramalhetes de prazer. Esses arranjos são impossíveis nos países de origem. Lá são inacessíveis pelo preço, pela escassez da matéria-prima ou por legislações mais rígidas, que coíbem a colheita sexual. É nesse turismo sexual predatório onde as mulheres, e até mesmo alguns homens, são explorados e dominados, que a responsabilidade ética dos profissionais da área é exigida para evitar que se perpetue os ciclos de exclusão e exploração das pessoas mais pobres ou discriminadas, seja pelo gênero, opção sexual, poder aquisitivo, etnia, cultura ou religião.

5. A pornografia: Manipulação machista ou liberdade sexual das mulheres?

A feminista Andrea Dworkin liderou uma cruzada contra a pornografia nos Estados Unidos na década de 1970, em um movimento que tentou provar, segundo teoria de outra feminista radical, Robin Morgan, que “a pornografia é a teoria, o estupro é a prática” (Friedman, 2002, p. 195). Apesar das constantes pressões de igrejas evangélicas e grupos conservadores norte-americanos contra a pornografia o movimento foi um fracasso, pois o cenário não era favorável à repressão. O “espírito” da década

de 1970, na esteira das conquistas e exigências perpetradas pelos *beats* e *hippies* desde os anos 1950, não era de manter posições conservadoras. A frase de Morgan também não encontrou eco nas pesquisas sobre estupro. Por exemplo, “no Japão, onde a pornografia violenta é facilmente acessível, o estupro é praticamente inexistente” (Friedman, 2002, p. 195). Por outro lado os interesses econômicos no mercado do sexo despontavam e logo um ícone do cinema pornográfico surgiria. Em 1972, a atriz Linda Lovelace protagonizou o filme *Deep throat (Garganta profunda)*, uma ruptura com a pornografia convencional ao mostrar explicitamente a feição para um grande público. O filme rendeu mais de US\$ 25 milhões.

Finalmente...

Lutar contra o machismo, a homofobia, o racismo ou os preconceitos em geral, exige um conhecimento amplo e profundo das raízes que geram esses pensamentos marcados pela intolerância, pela ignorância e pelo egoísmo sectário de gênero, raça ou classe social.

Os campos do lazer, entretenimento, turismo, cultura e esportes podem ser facilmente perturbados por essas sombras nefastas de uma epistemologia anômala. É importante que os estudos sobre possibilidades de inclusão e respeito às pessoas de diferentes concepções de mundo, desde que essas também respeitem o pluralismo e as liberdades individuais, sejam radicais, no sentido de conhecer suas raízes históricas e filosóficas, nas diversas vertentes de pensamentos.

Populações submetidas aos fluxos turísticos ou de lazer, podem ficar vulneráveis à exploração econômica, cultural ou ambiental. Entre essas vulnerabilidades as mulheres, crianças, minorias étnicas ou sexuais podem sofrer ainda mais as consequências de projetos mal elaborados ou mal implementados, ou ainda de interesses que não respeitem os direitos

das comunidades. O machismo é um desses perigos constante e que mais causa males e traumas, pois metade do contingente humano é formado por mulheres. Em boa parte do mundo islâmico e em algumas comunidades religiosas arcaicas, a mulher ainda não tem o respeito que merece simplesmente por ser humana. Mesmo no ocidente desenvolvido ainda vicejam as mazelas do machismo, o que implica em uma luta de conscientização cotidiana e em políticas de inclusão e proteção consistentes.

Os campos do prazer, caracterizados pelo lazer, turismo e entretenimento, além de vários outros serviços destinados à estética e ao bem estar, não podem ignorar essas demandas e perigos derivados do obscurantismo primitivo.

Referências bibliográficas

- Anônimo. *As idades do prazer*. São Paulo: Imaginário, 2005.
- Anônimo. (s.d.). *Teleny ou O Reverso da medalha*. Mira-Sintra (Portugal), Europa-América.
- Anônimo. (2000). *Teresa Filósofa*. Porto Alegre: L&PM.
- Apollinaire, G. (1995). *As façanhas de um jovem Don Juan*. São Paulo: Imaginário.
- Bíblia - Tradução Ecumênica*. (1994). São Paulo: Loyola.
- Brunel, P. (1998) *Dicionário de mitos literários*. Brasília: José Olympio/UnB.
- Chevalier, J., & Gheerbrant, A. (2009). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Elíade, M. (s. d.). *História das idéias e crenças religiosas*. Porto: Rêis editora.
- Gloeden, W. (2000). *Amore e arte*. Taormina: Nino Malambri.
- Louys, P. (1998) *Manual de civilidade destinado às meninas para uso nas escolas*. São Paulo: Imaginário.
- Malambri, N. (2000). *Amore e arte* – Wilhelm von Gloeden. Taormina.
- Marina, J. (s. d.). *O quebra-cabeça da sexualidade*. Guarda Chuva.
- Miranda, A. (2006) *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Nabokov, V. (1981) *Lolita*. São Paulo: Abril Cultural.
- Oppermann, M. (1998) *Sex tourism and prostitution – aspects of leisure, recreation and work*. New York: Cognizant.
- Shattuck, R. (1996) *Forbidden knowledge – from Prometheus to pornography*. New York: St. Martin's Press.
- Schopenhauer, A. (2011). *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes.
- Sicuteri, R. (1985). *Lilith, a Lua Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Simões, R. (2011). *A mulher de 40*. Belo Horizonte: Gutenberg.
- Trigo, L. (2003). *Entretenimento – uma crítica aberta*. São Paulo: Senac.